

A METAFÍSICA DA MORTE NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

LIRA, Luédley Raynner de Souza¹
ABREU, Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu²
SEGUNDO, João Florindo Batista³

A filosofia de Arthur Schopenhauer (1788-1860) ficou bastante marcada pelo seu pessimismo metafísico, em que o mundo fenomênico não é autônomo em relação à Vontade, gerando um crivo das representações com o sofrimento. O objetivo deste trabalho é o de compreender a morte no pensamento de Schopenhauer e desenvolver sua evidente relação com a metafísica da Vontade. Para tal a metodologia é a de revisão bibliográfica utilizando-se de sua obra magna, *O mundo como Vontade e como representação*. Para Schopenhauer, o enigma que permeia o antes do nascimento é o mesmo que será depois da morte, isto é, o nada. Desta feita, a morte destrói o indivíduo, mas não a espécie que continua viva, seguindo a continuidade irracional da Vontade no mundo das representações.

Palavras-chaves: Vontade. Representação. Morte.

¹ Pós-graduando em Filosofia Contemporânea pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC. E-mail: lued_pb@hotmail.com.

² Mestrando em Ciências da Educação pela Eikon University. Pós-graduado *latu sensu* em Filosofia Contemporânea pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC. Licenciado em Filosofia pela FAFIC. E-mail: jheovannedv@hotmail.com

³ Mestre em Ciências das Religiões pelo PPG-CR/UFPB. Doutorando em Ciências das Religiões pelo PPG-CR/UFPB. E-mail: jf.segundo@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A morte, desde o princípio da história da filosofia, foi uma questão intrigante no rol das discussões, bem como sempre esteve presente, ceifando de forma sarcástica ou de maneira heroica os filósofos. Não que a morte lhes fosse exclusiva, mas, aparentemente, ela se utilizou dos filósofos como cobaias para diversas e inquietantes formas de se alcançar a finitude. Podemos aqui lembrar algumas, a exemplo da de Tales de Mileto, que, observando incessantemente os astros, não percebeu que à sua frente havia um poço...; ou, então, a morte de Empédocles, que para provar sua teoria da imortalidade, se jogou num vulcão, que pouco tempo depois só expeliu suas sandálias de bronze, para surpresa de todos. Por fim, pode-se lembrar da morte de Heráclito, que, sofrendo de hidropisia (uma doença que provoca retenção de líquido no corpo) foi aconselhado a se enterrar no esterco para amenizar os efeitos desta doença: a consequência deste ato foi trágica, pois os cães atacaram de forma bruta seu dono por não conhecerem Heráclito que estava totalmente envolto de excrementos. Mas a morte mais heroica foi a de Sócrates que, para defender seus ideais de justiça, decidiu cumprir a sentença da *polis* grega, isto é, de beber cicuta.

Por mais que muitas destas mortes estejam circundadas de mitos e faltar comprovação histórica, a morte se tornou para Schopenhauer a musa da filosofia (cf. SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41, p. 555)⁴. O ato de filosofar se tornou algo intrínseco ante a possibilidade da morte, que instigou desde os primeiros homens até os atuais a buscarem explicações e foram diversas – principalmente religiosas, sobre esta condição pela qual todos passarão. Então, o que seria a morte? E o que seria a vida? A resposta com certeza não é nada fácil. Mas com a luz de uma metafísica da Vontade⁵, Schopenhauer considera que, se não no todo, mas em parte, respondeu este enigma.

⁴ As abreviaturas aqui empregadas são comumente padronizadas entre os estudiosos de Schopenhauer para facilitar a pesquisa nas fontes, haja vista que a obra do pessimista alemão foi traduzida de forma fragmentada para o português. Assim: *MVR I – Mundo como Vontade e como representação*, tomo I; *MVR II – Mundo como Vontade e como representação*, tomo II; e *P/P II – Parerga e Paralipomena*, tomo II, que foi traduzido parcialmente por Flamarion C. Ramos em dois volumes: *Sobre o método* e *Sobre a ética*.

⁵ Neste trabalho, por “Vontade” – com “v” maiúsculo – entenda-se o ímpeto metafísico que Kant nomeava de coisa-em-si. Já “vontade” – com “v” minúsculo – se refere à objetivação do ímpeto

O objetivo deste trabalho é de compreender a morte no pensamento de Arthur Schopenhauer, e como ela está intimamente relacionada com a metafísica da Vontade, superando a visão taxativa de que seu pensamento é puramente pessimista⁶.

Para tanto a metodologia utilizada neste trabalho foi a dedutiva com técnica bibliográfica utilizando a obra magna de Schopenhauer, *O mundo como Vontade e como representação* e seus suplementos no Tomo II, bem como seus principais comentadores.

metafísico presente tanto no homem como nos animais. Trata-se de uma representação daquilo que de fato é. Esta diferenciação é comumente utilizada pelos estudiosos em Schopenhauer, a exemplo do próprio Jair Barboza, em sua célebre tradução para o português de *O mundo como Vontade e como representação*.

⁶ Por mais que Schopenhauer seja considerado um pessimista, estudiosos defendem a existência em seu pensamento um otimismo. Por mais que a Vontade aprisione e ludibrie os fenômenos, o indivíduo é capaz de negar, mesmo que provisoriamente, esta força cósmica. *A primeira forma é através da contemplação do belo*, em que o indivíduo ao ver uma obra de arte ou ouvir uma música consegue se distrair e esquecer seus sofrimentos. Porém, nenhuma pessoa consegue contemplar eternamente uma obra artística, inevitavelmente retornando em sua consciência os problemas, as dores, os sofrimentos. *A segunda forma é a atitude de compaixão para com o outro ser humano ou para com os animais*. A compaixão nada mais é que o amor ágape exaltado pelos cristãos, ou seja, a atitude de se colocar no lugar do outro. Para Schopenhauer, este sentimento é uma atitude em que o indivíduo ao ver e assumir para si o sofrimento do outro, reconhece que ele é Vontade. Se o outro sofre, por causa da Vontade, analogamente, em decorrência da compaixão, o indivíduo reconhece que ele mesmo é Vontade. *A terceira é a prática ascética*. A ascese que foi praticada pelos místicos cristãos, budistas e hindus – evidente em personagens como Buda, Jesus Cristo e São Francisco de Assis – é uma forma de antecipar a morte. O indivíduo que antes seguia cegamente a sua pulsão, a partir da prática do jejum, da mortificação do corpo e da castidade, passa a ter intuição de negar a Vontade de vida.

2 DESENVOLVIMENTO

Os animais não sabem que inevitavelmente irão morrer, porém, o homem, ser racional, compreende que mais cedo ou mais tarde sua morte chegará. Desta forma, a razão faz com que o homem tema esta única certeza que acometerá a todos. E para amenizar esta que para alguns é uma assustadora realidade, surgiram ao longo da história diversas explicações metafísicas, sejam elas filosóficas ou religiosas, que de certa forma tranquilizam os homens (cf. SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41, p. 555).

Veza que Schopenhauer inicia o capítulo 41 dos *Suplementos* com a máxima “a morte é a musa da filosofia”, sua metafísica, por conseguinte, é considerada pessimista por alguns, mas, em alguns pontos – em se tratando da morte, especificamente –, fornece um consolo quando se compreende que a essência presente em cada um possui algo de eterno e que continua mesmo com a aniquilação do indivíduo. Diz-nos Jair Barboza:

Todavia, a metafísica pode fornecer um consolo, e a filosofia schopenhaueriana exposta na *metafísica da morte* se inscreve justamente nesta chave, ou seja, ela tenta nos ajudar a “encarar com um olhar tranquilo a face da morte”. Como? Tentando provar que um ser em si de cada um reside um *Kern aus der Ewigkeit* (núcleo de eternidade), que de modo algum se aniquila quando do desaparecimento do organismo. (BARBOZA, 2000, p. 14).

O medo da morte é independente do conhecimento e, portanto, instintivo presente tanto nos animais como nos homens. Os animais não conhecem a morte, mas a temem, mostrando o puro instinto que eles têm para a sobrevivência. O fato de que os animais fogem ou procuram se esconder, demonstra que eles são pura vontade de vida e procuram prolongar sua individual sobrevivência, bem como reproduzirem-se o máximo possível, de modo a se perpetuarem. (cf. SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41 p. 557).

Para o ser humano, o medo da morte é a maior das angústias, supera qualquer outro que por ventura o acometa. Assim, ele tem tanto medo da sua própria morte como a de outros que ele ama ou considera, de tal maneira que quando se tem inimigos, o maior mal que se pode desejar-lhes é a morte. Da mesma forma, em um velório alguém que não chora ou não mostra aflição é taxado de sem coração ou desprovido de uma verdadeira consideração pelo finado. Mas este medo

exacerbado da morte se mostra algo tolo, pois para quê se apegar a esta vida se ela tem valor incerto? Afinal, para Schopenhauer viver é como um pêndulo que oscila entre o sofrimento e o tédio (cf. SCHOPENHAUER, MVR I § 57 p. 402).

Na vida, o sofrimento é algo tão natural que quando não se está sofrendo o indivíduo é acometido por tédio, que só é substituído por outro inevitável sofrimento. Logo, o medo da morte seria uma tolice, vez que se apegar à vida é-lhe uma conduta irracional. Assim, quando uma pessoa se apega exorbitantemente pela vida, se torna claro que ela está sendo enganada pela vontade de viver. É tão verdade isto, que Schopenhauer alegoriza dizendo que “se batesse nos túmulos para perguntar aos mortos se estes querem ressuscitar, eles sacudiriam a cabeça negando” (SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41 p. 558).

O conhecimento vai de contrário ao medo da morte, de tal maneira que se torna glorioso o homem que se aproxima da morte com serenidade e sem apego à vida. Isto se dá porque foram quebrados os grilhões da vontade de vida que ilude o indivíduo para que este se apegue à vida. De forma inversa, é o homem que quando percebe a aproximação de sua morte, entra em desespero, o que só confirma sua própria essência, isto é, a Vontade de vida.

Portanto, aquele poderoso apego à vida é irracional e cego: só é explanável pelo fato de que todo o nosso ser em si mesmo já é Vontade de vida, para a qual esta vida tem de valer como bem supremo, por mais amarga, breve e incerta que sempre possa ser; e pelo fato de que a vontade, em si e originalmente, é desprovida de conhecimento e cega. (SCHOPENHAUER, MVR II cap. 14, p. 558).

Para quer temer o “nada” proveniente depois da morte, se antes de nascer também existiu um infinito “nada”? O fato de existimos e experimentarmos esta realidade aparentemente única faz com que o indivíduo se acomode e aceite esta existência, mas para Schopenhauer ela não é tão aprazível. Para as pessoas simples, que reconhecem no mundo um “vale de lágrimas” e se apoiam na religião, esta se constitui em uma metafísica para o povo, em busca de uma realidade vindoura melhor. Assim, Schopenhauer explica que “[...] a religião é a metafísica do povo [...] Pois as pessoas precisam absolutamente de uma *explicação da vida* e ela deve estar de acordo com seu poder de compreensão.” (SCHOPENHAUER, P/P II § 174, p. 188, grifo do autor).

Vale ressaltar que este desejo de conservação da vida, além de, segundo Schopenhauer, ser uma atitude mesquinha, desprezível e indigna, deduz quatro

considerações: a primeira, que a Vontade de vida é a essência do homem; a segunda, que a Vontade de vida é irracional; a terceira é que existe uma oposição entre conhecimento e Vontade; e a quarta, que dentre esta oposição, o conhecimento é o vencedor sobre a Vontade (cf. SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41, p. 559). Daí o fato de Schopenhauer considerar o desejo de conservação da vida uma atitude egoísta, vez que o homem limita a realidade na sua pessoa, mas não reconhece no outro uma igual essência presente nele mesmo. Todavia, sua metafísica da morte também denega o suicídio, muito embora defenda a morte como um bem necessário em certas circunstâncias, a exemplo dos quadros de intenso sofrimento físico ou senilidade avançada. Esta aproximação da morte de que trata Schopenhauer não se aproxima da ideia da defesa do suicídio, que é algo repudiado por ele. O suicídio destrói o indivíduo, mas não o sofrimento decorrente da Vontade, portanto, atitude de uma pessoa que não consegue negar este ímpeto cego.

Desta forma, Schopenhauer discorda das duas teses filosóficas presentes em sua época: a primeira, de que existe uma continuidade após a morte, e a segunda, defendida pelos materialistas (jovens hegelianos), de que após a morte tudo se acaba. São dois extremos para os quais um inexperiente pensador influenciado pelo hegelianismo buscaria estabelecer um meio termo, resolvendo aparentemente a questão. Porém, para Schopenhauer (MVR II cap. 41, p. 556), não é correto desenvolver um meio termo entre estas duas teses sobre a morte, mas, sim, uma concepção superior, que seja condizente com a verdade.

E a verdade está em que o eu, o indivíduo, cessa sua existência com a morte, mas a espécie continua. A morte, portanto, é o cessar da consciência no momento que o cérebro deixa de exercer efetivamente seu trabalho. Assim, a morte assemelha-se como um desmaio ou um sono profundo quando o indivíduo não sabe e nem sente nada do mundo ao seu redor. Nas palavras de Schopenhauer:

[...] a morte mesma consiste para o SUJEITO apenas no momento em que a consciência desaparece, na medida em que cessa a atividade do cérebro. A extensão ulterior dessa cessação a todas as partes restantes do organismo já é propriamente um evento posterior à morte. Portanto, em termos subjetivos, a morte concerne apenas à consciência. (SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41, p. 561).

Esta definição será chamada na contemporaneidade de morte clínica, ou seja, quando há a morte cerebral. Assim, tudo que se faz ao corpo após este estado não resultará em nenhum reflexo do indivíduo, pois não mais existe o eu-cognoscente

que ao longo de sua vida teria construído uma história, história esta finalizada com sua própria morte. Porém, Schopenhauer considera o que Nietzsche irá chamar de “Eterno Retorno”, isto é, a lei metafísica do universo que garante o retorno de tudo não totalmente igual, mas de maneiras e modos diversos. Para melhorar a explicação, Schopenhauer utiliza-se de dois exemplos: o da andorinha e o do gato.

Antes de tudo, devemos reconhecer, pela consideração de cada jovem animal, a existência da espécie que não envelhece e que, como um reflexo de sua juventude eterna, transmite uma juventude temporal a cada novo indivíduo, deixando-o aparecer tão novo e viçoso como se o mundo datasse de hoje. Pergunta-se honestamente se a andorinha da primavera atual é em tudo diferente da andorinha da primavera primeira, e se realmente entre as duas o milagre de uma criação a partir do nada renovou-se por milhões de vezes para trabalhar e terminar outras tantas vezes na aniquilação absoluta. – Bem sei que, se afirmasse com seriedade a alguém que o gato que brinca agora no quintal é ainda o mesmo que há trezentos anos saltou os mesmos saltos e fez as mesmas artimanhas, essa pessoa me tomaria por louco: mas sei também que é muito maior loucura acreditar que o gato atual seja absoluta e radicalmente diferente daquele gato de trezentos anos atrás. (SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41, p. 577).

Desta forma, o gato indivíduo que viveu há muitos anos teve um fim, mas os gatos, isto é, a espécie que continua hoje se prefigurando em um novo indivíduo, continua com as mesmas atitudes daquele que o antecedeu. Deste modo, se fosse possível haver um observador que vivesse eternamente, ele iria observar que o homem ou os animais não estariam vindo do nada ou indo para o nada, mas constituem um acontecimento contínuo com meras vibrações. Assemelhar-se-ia a uma roda que, não sendo totalmente circular e com defeitos, ao ser girada em alta velocidade, aos olhos do observador, provocaria uma continuidade acompanhada de vibrações causadas pela sua falta de simetria. Esta metafísica se assemelha com o que anteriormente Platão já falava sobre as Ideias, que permanecem intocadas e eternas enquanto que de suas cópias existe uma multiplicidade. Semelhantemente, o que importa à Vontade é a espécie, que deve continuar a se perpetuar, e não o indivíduo. Para a Vontade, a morte de um indivíduo não afeta em nada a espécie, que em decorrência do sexo dá a luz a um novo bebê, que substitui o defunto.

Esta concepção cíclica de todos os acontecimentos se assemelha com a reencarnação presente no hinduísmo, platonismo ou outras religiões orientais, que teoricamente recebe a nomenclatura de palingenesia, o eterno retorno dos

renascimentos. Daí constata-se em Schopenhauer a ideia de que o eu é uma ilusão, ponto convergente das representações.

Schopenhauer vê nesta concepção religiosa, uma verdade, que deve ser corretamente nomeada de metempsicose⁷ da Vontade (cf. SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41, p. 600). Para Schopenhauer, a metempsicose se apresenta naturalmente à convicção humana, desde que ele reflita, sem opiniões pré-concebidas, e onde ela não for encontrada é porque as novas doutrinas religiosas a destruíram. A constatação da existência da metempsicose é algo tão antigo, fruto da observação das mais primitivas sociedades, que acabou se tornando dogma em religiões e mesmo aparecendo indiretamente em outras, como nos textos sagrados judaico-cristãos.

Tanto na tradição judaica de interpretação das escrituras, o *Talmud*, como em passagens do Novo Testamento, influenciado pelo helenismo, constata-se uma compreensão de metempsicose do nascimento, indireta em razão do pecado original, por mais que oficialmente estas religiões não a defendam. (cf. SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41, p. 605). Enquanto isso, em consonância com as religiões orientais, em MRV, nosso autor defende que no nirvana (fim dos renascimentos cíclicos) ocorre a morte efetiva.

Essa metempsicose concerne somente à Vontade, o que quebra com o conceito de transmigração da alma e transforma em transmigração da Vontade, que no momento da morte se separa de um intelecto e recebe um novo através do nascimento, criando um novo ser, que, no entanto, não vem com memória alguma passada – pois este tipo de intelecto se desvanece com a morte.

Continuamente, Schopenhauer analisa o budismo – que concorda com essa teoria apresentada –, apesar de não ensinar a metempsicose, o budismo remonta uma regeneração particular que é fundada sobre uma base moral.

O indivíduo sempre é um meio utilizado pela Vontade de vida para seu fim, isto é, a espécie e sua perpetuação. Assim, o indivíduo pensa que é livre para construir sua própria história, mas é um mero objeto de uma realidade metafísica muito mais abrangente do que ele.

⁷ Metempsicose – termo genérico para transmigração da alma, de um corpo para outro, seja este do mesmo tipo de ser vivo ou não, logo, havendo a crença de que a alma humana possa encarnar em animais ou vegetais.

“A morte e a vida do indivíduo não têm valor” para ela [Vontade], pois não atingem a “essência verdadeira e própria” das coisas. Essa última não repousa no fenômeno, que é e não é ao mesmo tempo, isto é, pode receber as propriedades contrárias às que possui em certo momento com a mesma facilidade com que se apresenta neste instante. A essência, pelo contrário, reside apenas no que é e nunca deixa de ser; e por conseguinte, só na Vontade de vida, cuja objetividade imediata é o mundo material e empírico (GEMER, 2018, p. 75).

Para Schopenhauer, o mundo é uma realidade vista sobre duas perspectivas, isto é, da coisa-em-si que é a Vontade e de seus fenômenos, que são representações. A Vontade é um ímpeto irracional e livre que norteia a tudo e a todos, nada escapa dela, pois afinal tudo é Vontade. A multiplicidade está presente apenas nas representações, fruto do *principium individuationis*, ou seja, tempo, espaço e causalidade. Os fenômenos estão inseridos em uma realidade espacial e temporal como qualquer matéria, e impulsionado pelo fazer-efeito que possibilita o movimento em consequência da causalidade. Mas por mais que um só indivíduo não possibilita nenhuma importância à Vontade, quando aquele se junta a outros indivíduos para negar a sua própria essência por meio da compaixão, da ascese e pela contemplação do belo, se torna um evidente incômodo a esta realidade metafísica.

A matéria, por ser um reflexo da coisa-em-si e indiferente às mortes e nascimentos, não é destruída, mas apenas transformada. Uma vez que não fomos um nada, também não o seremos após a morte. A essência que se sobressai à morte não é alma, nem espírito, nem consciência individual, mas a Vontade, que evidencia uma identidade entre o microcosmo com o macrocosmo em relação à indestrutibilidade (cf. SCHOPENHAUER, MVR II cap. 41, p. 581). Sob esta perspectiva, para que a Vontade continue é necessário também que o indivíduo se perpetue o máximo possível. Só existe representação quando existe um *eu*, de tal maneira é ele que representa a morte, e esta só existe quando aquele existe.

Destarte, o pensamento da eternidade objetiva do mundo é indissociável do pressuposto da imortalidade do lado subjetivo do mundo, isto é, do sujeito cognoscente, do eu, da Vontade e da coisa em si. Em outros termos, ou o sujeito e o objeto se apagam juntos no nada [...], ou se perpetuam lado a lado no mundo. A doutrina da identidade do microcosmo (ou do sujeito) com o macrocosmo (ou do objeto) evidencia a indestrutibilidade do que somos em nós mesmos. (GEMER, 2018, p. 79).

Assim, Gerner (cf. 2018, p. 79) concorda com a visão de Jair Barboza (cf. 2000, p. 14) de que Schopenhauer favorece um consolo para o medo da morte. Se este medo se perpetua é porque a Vontade está sobressaindo sobre o indivíduo, colocando nele o pressuposto de que uma destruição é inconcebível por considerar a vida como um bem maior. Faz-se necessário que este indivíduo negue a Vontade para entrar em um estado virtuoso de não temer a morte, pelo contrário, ele está sempre próximo da morte ao praticar o jejum, a mortificação do corpo e a castidade. Desta maneira, “com a autonegação da Vontade, o intelecto também se liberta da servidão à mesma e pode conhecer, com toda sua potência, a efemeridade do fenômeno e a imutabilidade da essência. Com isso, ele se emancipa do medo da morte” (GEMER, 2018, p. 81).

3 CONCLUSÃO

Arthur Schopenhauer se tornou um importante pensador que desenvolveu uma filosofia contrária ao hegelianismo e um crítico à razão enquanto esta era exaltada pelos românticos do século XIX. A contemporaneidade irá compreender de que esta razão não resolveu os problemas da humanidade, mas mostrou-se com a produção da bomba atômica capaz de destruir a todos. Conseqüentemente, na visão schopenhaueriana, a razão dominada pela Vontade no fundo é cega e irracional.

Para Schopenhauer a essência do mundo é a Vontade enquanto que o sujeito só consegue conhecer uma parcela da realidade. O fenômeno é uma representação desta Vontade, se tornando em tudo submissa e ludibriada para a conservação de vida e na perpetuação da espécie (sexo). A morte pode ser vista de uma forma empírica e metafísica. A empírica é que o eu-cognoscente deixa de existir com a aniquilação da consciência, porém, metafisicamente a Vontade contínua se perpetuando em outros indivíduos.

Porém, a metafísica schopenhaueriana apresenta em seu arcabouço um consolo, isto é, que de alguma forma a matéria continua de forma transformada e em continuidade com a espécie. Conseqüentemente, o indivíduo que viveu a mil anos atrás se torna o mesmo com o que vive hoje na forma repetitiva de seus comportamentos e atitudes.

Ora, é quando Schopenhauer apresenta sua visão trágica da vida (que se segue da análise da afirmação cega da vontade) que aparece a questão da morte: como acréscimo daquele mundo de sofrimento e dor que marca a existência humana, diz Schopenhauer, há ainda o acréscimo da consciência da morte, da sua representação abstrata que atormenta ainda mais o indivíduo humano, como um motivo a mais (além dos obstáculos empíricos) que torna a vida um inferno.

Entretanto, arremata o filósofo, a mesma Razão que proporciona a certeza da morte, produz também o antídoto, produzido pela razão, nada mais é que um mero lenitivo, momento intermediário e provisório, que antecede seu niilismo da negação completa da vontade no ascetismo.

O medo da morte é inerente ao processo do desenvolvimento humano, se trata de um medo do desconhecido – ou seja, uma angústia –, que é somado com medo da extinção, de deixar tudo o que tem pra trás, de ficar sozinho e de sofrer. O

resultado dessa valorização e ilusão de uma vida eterna causa bem mais sofrimento do que aceitar a morte como algo que faz parte do seu ciclo de vida.

A ideia do não-ser causa um desconforto gigantesco na pessoa, que acaba criando alguns mecanismos de defesa, querendo fugir de sua própria realidade., afirma que esse medo é o “pivô das civilizações”, pois a partir do desejo de perenidade, se desenvolve as crenças, ciências, artes, as técnicas, as instituições e até mesmo as organizações políticas e econômicas; saber que somos finitos nos força a viver, a nos relacionar, criar e construir coisas para garantir que não sejamos esquecidos.

Algumas pesquisas comprovam que pessoas com forte grau religioso possuem menos medo da morte, comprovando que a fé seria então um dos meios que ajuda na superação do terror da ideia de finitude. “Refletir sobre a morte pode torná-la mais familiar e, portanto, menos ameaçadora”, ou seja, reconhecendo nossa finitude, reavaliemos nossas escolhas e comportamentos. Portanto, assemelha-se ao pensamento schopenhaueriano, isto é, pensar na morte faz refletir sobre a verdadeira finalidade da vida, que é viver cada instante com total consciência de que vai morrer.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jheovanne Gamaliel Silva de; LIRA, Luédley Raynner de Souza. O amor nas filosofias de Arthur Schopenhauer e Ludwig Feuerbach. *In: Anais do IV Congresso Internacional Ludwig Feuerbach: antropologia e ética*. Fortaleza, v. 1, 2016. p.371-382.

_____. SILVA, Antunes Ferreira da. O caráter secundário da razão frente à primazia da Vontade, segundo Arthur Schopenhauer. *In: Schopenhaueriana: Revista espanhola de estudios sobre Schopenhauer*. Número II (Schopenhauer y la Ciencia), 2017. p. 241 – 264.

BARBOZA, Jair. Prefácio. *In: SCHOPENHAUER, A. Metafísica do amor/ metafísica da morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Moderna, 1997.

GEMER, Guilheme Marconi. A concepção de morte em Schopenhauer. *In: DEBONA, Vilmar; DECACK, Diana C. (Orgs). Schopenhauer: a filosofia e o filosofar*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 69-86.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**, primeiro tomo. Jair Barboza (tradução). São Paulo: UNESP, 2005.

_____. **Sobre a filosofia e seu método**. Flamarion Caldeira Ramos (tradução). São Paulo: Hedra, 2010.

_____. **Sobre a ética**. Flamarion Caldeira Ramos (tradução). São Paulo: Hedra, 2012.

_____. **O mundo como vontade e como representação**, segundo tomo. Jair Barboza (tradução). São Paulo: UNESP, 2015.